

Um protocolo dos protocolos

Ingrid Dormien Koudela

Docente no Programa de Pós-Graduação em Artes pela ECA/USP e autora de BRECHT: UM JOGO DE APRENDIZAGEM (Ed. Perspectiva, 1991) e TEXTO E JOGO (Ed. Perspectiva, 1996) entre outros.
E-mail: idormien@usp.br

Remexendo pastas antigas, com protocolos de alunos de graduação do Departamento de Artes Cênicas da ECA/USP, faço uma viagem no tempo até o dia 28 de maio de 1992. E leio em um protocolo, um título: *Das Crises e das conclusões de uma manhã de quarta*. E leio uma rubrica: *Num sofá qualquer, perdido numa esquina qualquer de uma escola*.

E a aula? E a aula? Já começou?

Você viu a Ingrid passar?

E mais uma rubrica: *Levantar-me. Passos desconexos num corredor amarelo. Porta amarela. Visão desfocada de silhuetas familiares*.

Vocês já estão aqui? Ah! Vocês já estão aí?

Cadê o Jorge?

O currículo básico? Vai se restringir, agora, a aprender a ler e escrever.

Providências!

Ensaiar crianças! Como se chegou a isso!

Ah! Aí está o Jorge!

O protocolo! Trouxe o protocolo?

Sim, vamos a ele.

E leio um comentário: *Até então, as coisas estavam tranqüilas naquela manhã de quarta. Foi aí que:*

Como andam as leituras para a próxima semana?

O protocolo segue:

Uma caneta caiu no chão, à minha esquerda. À direita, um acesso de tosse mais que repentino. Bem em frente, alguém assobia certa marchinha antiga. Quanto a mim... bem... eu... enterrei interessada a cabeça nas folhas vazias do meu caderno. Todos contamos mentalmente até três. O ar sustentado nos pulmões. Voltamos à tona. Cedo demais! Ela não desistiu. Novas sirenes. Novos bombardeios. A mesma pergunta.

A pergunta que eu fiz passou batido?

Meu coração acelerado. Não seremos poupados! Ela

não nos poupará! Ainda pensei: "Evidente!" e enterrei de novo os olhos no papel vazio. Primeira conclusão. Avestruz. Eu sou um avestruz. Nem bem me recuperei da amarga conclusão, ao saber-me assim um espécime avestruz. Acomodada. Descorajosa. Omissa. E mais... pegou-me de surpresa um novo ataque frontal.

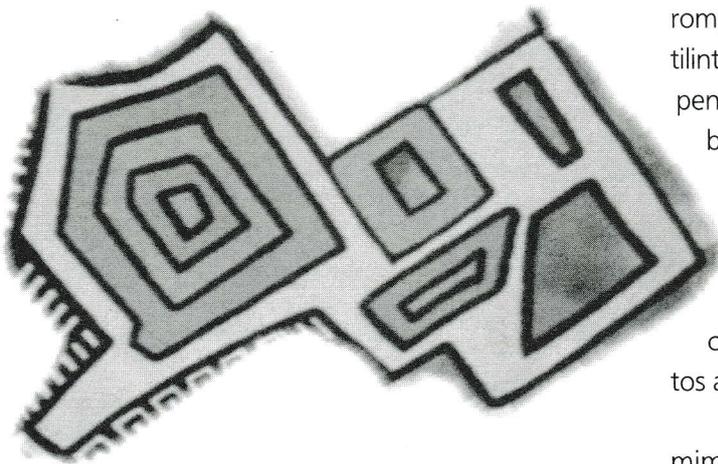
Seria bom se Orleyd fizesse o protocolo.

As pupilas saltam-me da face. Meu estômago em revolução. Suplico: poupe-me, professora! Sou menina, não sei escrever! Como vou fazer? Como vou fazer? Segunda conclusão: o chão desta aula não é confiável. Não se está seguro por aqui! O terreno é perigoso: trata-se de uma região sujeita a intermináveis abalos sísmicos. É isso aí, educar. Catucar. Exasperar um pouco. Chacoalhar. Só um pouco deixar descansar. Parece que começo a compreender.

O que é o **Protokoll** para Brecht?

O exemplo mais citado no contexto da pesquisa sobre a *Peça Didática* são os protocolos escritos em função da encenação de *Aquele que diz sim*. A primeira versão da peça foi escrita em 1950, a partir da tradução que Elizabeth Hauptmann fizera da tradução de Waley (Waley, 1957) do original japonês. A fábula da peça *Nô* gira em torno de um garoto que decide acompanhar a viagem de peregrinação de seu mestre para orar pela mãe, que está enferma. O garoto não consegue acompanhar a expedição, adoecendo na caminhada e, de acordo com o grande velho costume, é morto, sendo jogado em um despeñadeiro. Brecht escreveu duas versões para *Aquele que Diz Sim*. Na primeira, o motivo para a expedição é uma pesquisa, ou seja, um estudo com os professores que estão além das montanhas. No *Caderno 4 dos Versuche* foram registrados excertos de discussões, a partir desta primeira versão de *Aquele que diz sim*, na escola **Karl Marx**, em **Neuköln**.

"Eficiente instrumento na gestão das questões intra-grupais, o protocolo revelou-se um instrumento radicalmente democrático, ao permitir a articulação de um método que busca a prática da teoria e a teoria da prática."



Já na primeira versão, o grande coro conduz o texto, chamando a atenção de que muitos estão de acordo com aquilo que está errado. Na primeira versão de *Aquele que diz sim*, o dramaturgo queria pesquisar atitudes. O resultado foi positivo, conforme demonstram os protocolos dos alunos. Eles não estavam de acordo com aquilo que está errado. Nos **Versuche**, Brecht indica duas possibilidades para avaliar as reações dos alunos: poder-se-ia modificar o começo (*Aquele que diz sim*, segunda versão) ou o final - *Aquele que diz não*. Em nota para as duas soluções, Brecht escreve:

... o experimento de número onze: as óperas musicais *Aquele que diz sim* e *Aquele que diz não* são destinadas a escolas. As duas pequenas peças não devem ser encenadas uma sem a outra.

Se entendermos os textos das *Peças Didáticas* como dispositivos para experimentos, então elas são suscetíveis de modificações quando novas questões são colocadas. Assim nasce uma *cadeia de experimentos*, de acordo com Brecht, que afirma com ênfase que o texto pode ser modificado, transformando o espectador em autor e atuante no processo educacional com a *Peça Didática*.

O que caracteriza o protocolo como instrumento de avaliação?

Antes do ensaio teórico, quero relatar uma prática de sala de aula com o protocolo, em uma aula do seminário sobre *Galileu Galilei* proferido pelo Prof. Dr. Florian Vassen na Universidade de Hannover.

Estão todos sentados em torno de uma imensa mesa redonda, comum nas salas de aula nas universidades alemãs. Um maço de papéis é distribuído no círculo: três folhas grampeadas para cada aluno, ocupado com os habituais preparativos para uma aula. Uma caixinha de metal é passada no círculo para fazer o pagamento da cópia, sendo que cada aluno deposita três moedinhas que caem tilitando. O silêncio de repente é rompido por uma grande risada coletiva - o motivo? o tilintar das moedas na caixinha de metal? paira um suspense no ar. Através de piscadas com pálpebras, é estabelecido o acordo de grupo e um dos alunos inicia a leitura do protocolo. Ao final, o Prof. Dr. Vassen abre para o círculo a oportunidade para observações, correções, acréscimos... Novo silêncio. Novo acordo? Alguém inicia. Outro completa. Agora se atropelam para falar. Há momentos alegres. Há prazer na descoberta do conhecimento.

Depois da aula o Prof. Dr. Vassen detalhou para mim o procedimento. Uma (às vezes duas ou três) pessoas ficam encarregadas de escrever o protocolo, sendo que elas devem se responsabilizar por fazer uma cópia para cada aluno. No início da aula subsequente, o protocolo é lido em voz alta, sofrendo o comentário da classe.

Aquele curso em Hannover era um curso teórico. No meu trabalho com o sistema de jogos teatrais no Brasil lido não apenas com diferentes faixas etárias, como desenvolvo uma *praxis* que incorpora a forma *discursiva* e *apresentativa* (Langer, 1971). O desafio que se apresenta para a avaliação do trabalho com as crianças é o mesmo que surge na articulação teórica do objeto ora em foco: o teatro. Os critérios utilizados no meu processo de avaliação - texto poético e jogo teatral - impõem necessariamente a ampliação do conceito de racionalidade, sem romper com a lógica no sentido estrito.

A síntese da aprendizagem, materializada através do protocolo, tem sem dúvida a importante função de aquecer o grupo, promovendo o encontro. O protocolo possibilita maior delimitação do foco de investigação em cada momento da aprendizagem. Eficiente instrumento na gestão das questões intra-grupais, o protocolo revelou-se um instrumento radicalmente democrático, ao permi-

tir a articulação de um método que busca a prática da teoria e a teoria da prática.

Na documentação sistemática que reuni em função da minha *Tese de Livre Docência* na ECA (Koudela, 1996), foi possível identificar que se por um lado o protocolo instrui os momentos do processo de aprendizagem, fazendo a leitura da história pretérita, por outro pode propulsionar a investigação coletiva.

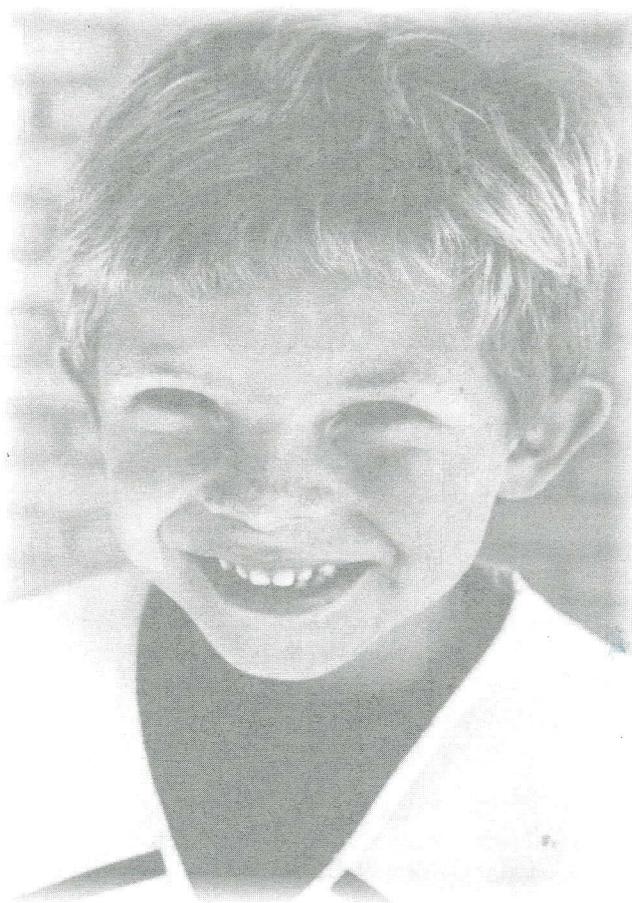
Esse caráter propulsor do protocolo pode ser definido através do conceito da *zona de desenvolvimento proximal* de Vygotski, que se refere à diferença entre os níveis de desenvolvimento potencial e real de sujeitos submetidos a processos de aprendizado. Uma das implicações pedagógicas desse conceito e que incide sobre a avaliação é a necessidade de que esta seja concebida prospectivamente. Não importa mais até onde o aluno chegou, mas o que o aluno poderá vir a ser a partir da intervenção educacional.

A *zona de desenvolvimento proximal* é provocada através do jogo teatral com inúmeras versões do texto original, nas quais nasce a leitura alternativa do fragmento. A atuação estranhada propõe multiplicidade de perspectivas. A avaliação reflexiva, no jogo com a *Peça Didática* traz a experiência física para o plano da consciência. No jogo com o texto, o gesto é interrompido, repetido, variado e narrado, submetendo a atuação a exame.

As questões que envolvem o protocolo tornam-se mais complexas se considerarmos que ele não aspira a ser tão somente uma epistemologia do processo. Enquanto instrumento de avaliação, o protocolo tem sem dúvida a função de registro, assumindo não raramente o caráter de depoimento. Mas não reside aí a sua função mais nobre.

O aprendizado estético é momento integrador da experiência. A transposição simbólica da experiência assume, no objeto estético, a qualidade de uma nova experiência. As formas simbólicas tornam físicas e manifestas as experiências, desenvolvendo novas percepções a partir da construção da forma artística. No jogo teatral brechtiano, o princípio do estranhamento incorpora o sensório e o racional, o corpo e a fala, o físico e o desconhecido. Ao promover a dialética do processo, o protocolo passa a anunciar a descoberta do conhecimento.

Ao almejar como função mais nobre dar conta do caráter estético do experimento com o *modelo de ação* (imagem e/ou texto), o protocolo promove a dialética como método de pensamento.



"A transposição simbólica da experiência assume, no objeto estético, a qualidade de uma nova experiência."

Bibliografia

- BRECHT, Bertold. *Teatro completo em doze volumes*. Rio: Paz e Terra. 1995
- . *Teatro dialético*. Rio: Civ. Bras. 1967
- . *Poemas. 1913-1956*. S.P.: Brasiliense. 1986
- KOUDELA, Ingrid Dormien. *Brecht: um jogo de aprendizagem*. S.P.: EDUSP/Perspectiva. 1991
- . *Texto e jogo*. S.P.: FAPESP/ Perspectiva. 1996
- LANGER, Suzanne. *Ensaio filosóficos*. S.P.: Cultrix. 1971
- VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente*. S.P.: Martins Fontes. 1984